

CIDADE PELO AVESSO

Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole, de Heitor Frúgoli Jr. São Paulo: Cortez/Edusp, 2000, 264 pp.

Rogério Proença Leite

De quando em quando, São Paulo é tomada como uma espécie de laboratório aberto às mais diversas incursões analíticas, experimentações estéticas e delírios literários. A cidade parece, muitas vezes, o *locus* daquela obscura coruja de Minerva sobre a qual falava Hegel, que só traz sua noturna sabedoria quando alça o vôo crepuscular. Entre outras tantas publicações igualmente relevantes que adensaram ainda mais o estado da arte sobre São Paulo, três livros na área das ciências sociais foram lançados quase simultaneamente no ano 2000, contribuindo para expandir o vôo especificamente urbano da coruja de Minerva sobre a cidade de São Paulo. *Centralidade em São Paulo*, de Heitor Frúgoli Jr., é um deles¹.

O tema de fundo da reflexão de Frúgoli é um debate de ponta na atual agenda confluyente das áreas de arquitetura, urbanismo e ciências sociais. Refere-se aos processos de intervenção urbana nas áreas centrais das cidades, tendo em vista a requalificação prática e simbólica dos usos dos espaços urbanos. Esse processo de apropriação cultural e econômica das cidades tem sido chamado por alguns autores de "*gentrification*"², para designar formas de empreendimentos econômicos que elegem certos espaços da cidade como centralidades e os transformam em áreas socialmente desobstruídas e propícias a investimentos predominantemente privados.

Tendo São Paulo como referente empírico, o enfoque do livro recai precisamente sobre as expe-

(1) Os outros dois são *Cidade de muros*, de Teresa Caldeira (São Paulo: Edusp/Editora 34, 2000), e *Paisagens paulistanas*, de Antonio Arantes (Campinas: Ed. Unicamp, 2000).

(2) Cf. Zukin, Sharon. *The cultures of cities*. Cambridge, MA: Blackwell, 1995; Smith, Neil. *The new urban frontier: gentrification and revanchist city*. Londres/Nova York: Routledge, 1996.

riências recentes de "requalificação" de certas áreas da capital paulista, abordando contudo um aspecto ainda pouco estudado nas análises sobre intervenções urbanas: a atuação dos agentes ou atores sociais responsáveis pelo planejamento e execução dos projetos urbanísticos. Nisso reside uma contribuição inovadora do trabalho de Frúgoli, pois a maior parte dos estudos recentes produzidos nas áreas de urbanismo e ciências sociais sobre o tema tem tido como foco o produto ou o próprio processo de intervenção, mas não especificamente os atores envolvidos.

No Brasil, essas práticas de *gentrification* têm se expandido em considerável escala, principalmente a partir do final dos anos 1980. As reformas do Pelourinho, em Salvador, e do centro histórico de São Luís do Maranhão ou a recente "revitalização" do bairro do Recife Antigo são alguns dos exemplos que reforçam um tipo de intervenção urbana que tem combinado restauração arquitetônica com preservação do patrimônio, e cujo resultado mais evidente tem sido a alteração de certas paisagens urbanas e o deslocamento dos sentidos tradicionais da história para a esfera do consumo. A memória desses lugares, inscrita em seu patrimônio edificado e na vida cotidiana dos seus moradores mais antigos, é geralmente subsumida pelas estratégias do *city marketing* que tentam equiparar os espaços urbanos a *shopping centers* limpos, seguros e socialmente homogêneos.

Essa obsessão urbanística pela higienização social das cidades não é algo novo, mas tomou ares institucionais recentemente. A primeira grande experiência dessa natureza foi, sem dúvida, o "embelezamento estratégico" de Paris — como chamava Walter Benjamin —, que consistiu na grande reforma da região central da capital francesa, empreendida pelo barão Haussmann na segunda metade do século XIX. Com seus *quartiers* bem demarcados, longas avenidas e *boulevards*, a Paris de Haussmann se transformou no mais importante modelo de "*protogentrification*" influenciando reformas posteriores em muitas cidades européias, a exemplo da também paradigmática Viena da Ringstrasse³. Essa espécie de síndrome de Haussmann chega ao Brasil no início do século XX e repercute igualmente em duas experiências "endêmicas" de "bota-abaixo": a

reforma da área central do Rio de Janeiro e a demolição/reconstrução do antigo bairro do Recife, ambas regiões portuárias e consideradas higiênicas e socialmente insalubres.

A segunda grande onda de reformas socialmente higienizadoras remonta aos anos 1960. Consideradas sucessoras pós-modernas da experiência francesa bonapartista do final do século XIX, as práticas de *gentrification* foram identificadas inicialmente como um modelo de intervenção urbana que se expandia em larga escala em muitas cidades americanas, e cuja principal característica era a reabilitação residencial de certos bairros centrais das cidades. Empreendimentos semelhantes, embora esporádicos, já aconteciam nas décadas de 1930 e 1940 nos Estados Unidos, seguindo um modelo que Neil Smith chama de "*embourgeoisement*"⁴, voltado para os novos empresários e comerciantes (*white collars*). O deslocamento da população negra e operária dos seus bairros tradicionais, como ocorreu em Georgetown, bairro operário da cidade de Washington, exemplifica essa tendência que surgiu e se alastrou pelos Estados Unidos e Europa no pós-guerra.

Passo a passo, o que era apenas um programa urbanístico de reabilitação residencial foi se tornando uma estratégia política, cujos processos de *gentrification* foram cada vez mais criando assimetrias que resultaram no que Sharon Zukin chamou de "paisagens de poder"⁵. A reapropriação de certos espaços da cidade articula, assim, uma dimensão simbólica do poder: práticas de *gentrification* não se referem apenas a empreendimentos econômicos que visam otimizar o potencial de investimentos em áreas centrais; referem-se sobretudo à afirmação do poder, mediante inscrições arquitetônicas e urbanísticas que representem visualmente valores e visões de mundo de uma nova camada social que busca se apropriar de certos espaços.

Embora Frúgoli não utilize tão ostensivamente a noção de Zukin, o conceito de "paisagem de poder" parece dialogar com sua reflexão. Isso porque Frúgoli tem um recorte preciso sobre o tema que se propõe analisar, cuja aproximação com Zukin é inevitável. Pretende justamente o autor, em suas próprias palavras, "averiguar em que medida a criação de vários centros passa por um processo

(3) Cf. Schorske, Carl E. *Viena fin-de-siècle. Política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

(4) Smith, op. cit.

(5) Zukin, op. cit.

social de disputas entre grupos e instituições privadas, que têm um papel importante na redefinição e recomposição da centralidade no contexto contemporâneo de São Paulo" (p. 43).

A análise de Frúgoli recai, assim, sobre três versões de "*central business districts*" de São Paulo e seus respectivos agentes por ele estudados: o Centro Tradicional, com a atuação da Associação Viva o Centro; a avenida Paulista, cuja requalificação motivou a criação da Associação Paulista Viva; e a avenida Eng. Luiz Carlos Berrini, novíssimo eixo de expansão do setor de serviços de São Paulo, que contou com a empresa Bratke-Collet nessa reestruturação funcional. A estratégia analítica de Frúgoli consiste na recomposição passo a passo não apenas dos principais fatos que historicamente compuseram cada uma das centralidades estudadas, mas também do modo como os seus respectivos agentes contribuíram para a sua criação. Nesse ponto reside, de saída, um mérito importante do trabalho: Frúgoli reconhece que certas feições de uma centralidade dependem tanto da concentração de atividades comerciais e serviços que ali vão se sedimentando, em uma dinâmica urbana própria dos processos de metropolização, quanto da representação que se pretende criar sobre um determinado espaço urbano. É assim que cada um dos *central business districts* é estudado no livro: como resultante de um duplo processo de reordenamento econômico e simbólico da cidade.

O autor vai recompondo o histórico das principais intervenções urbanísticas ocorridas e suas implicações para os sentidos atribuídos àquelas centralidades, por meio de uma farta bibliografia e depoimentos de pessoas direta ou indiretamente envolvidas nos respectivos processos. Os longos trechos de entrevistas (talvez excessivamente dispostos ao longo de todo o texto) criam, entretanto, um desconforto e uma falsa impressão: a de que o autor transfere aos entrevistados a responsabilidade de compor a narrativa de sua própria argumentação. Digo "falsa impressão" porque de fato Frúgoli não se esquiva de opinar diretamente sobre o que aborda, mas é difícil, em certas passagens, localizar o autor em seu próprio texto, que parece subsumido por citações que se alternam em parágrafos seguidos. Parece claro que, se Frúgoli queria justamente apreender os discursos dos agentes, o recurso das entrevistas é metodologicamente correto, mas uma melhor depuração da fala dos entrevistados poderia não apenas

ter tornado o texto mais ágil como, fundamentalmente, revelado com maior clareza o argumento que Frúgoli busca construir. Esse aspecto em nada compromete porém a qualidade analítica do livro, cuja reconstrução da complexa trama de negociações entre os diferentes atores é detalhadamente apresentada pelo autor com competência e consistência — trama sobre a qual não caberia obviamente aqui uma síntese, que apenas anteciparia precariamente ao leitor o que ele encontrará de modo pleno ao ler o livro. Algumas considerações, porém, parecem-me oportunas para instigar o diálogo com o autor e com seus futuros leitores.

Um dos argumentos de Frúgoli é que o deslocamento da centralidade paulistana, que transita do Centro Tradicional para a avenida Berrini, passando pela Paulista, reflete dois processos complementares. Primeiro, cada nova centralidade surge quando se esgotam as potencialidades do centro anterior, criando-se assim uma espécie de diacronia espaço-temporal das apropriações culturais do espaço urbano: "o surgimento de uma nova região alimenta-se em grande parte da decadência da anterior" (p. 216). A idéia de que centralidades se sobrepõem como derivações de esgotamentos tem, a meu ver, forte valor heurístico para se entender os processos mais amplos e recentes de "revalorização" dos chamados centros históricos. Certas áreas das cidades guardam denotações de difícil remoção, por serem espaços com fortes inscrições simbólicas. Não pretendo dizer com isso que os espaços urbanos não podem sofrer ressignificações mediante diferentes usos, mas eles não são apenas cenários ou suportes práticos de ações que se estruturam em seu interior, indiferentes às características espaciais que lhe são constitutivas. As configurações espaciais da vida urbana, como outras análises sugerem⁶, incidem reflexivamente no tipo de representação e apropriação que sobre elas ocorre. Isso Frúgoli sugere com clareza ao interpretar os diversificados usos e sentidos das três centralidades estudadas, relacionando-as a períodos distintos que formataram diferenciadas paisagens urbanas. O Centro Tradicional, pela sua própria configuração espacial centrípeta e heterogênea, esteve associado à São Paulo fordista:

(6) Cf. Arantes, op. cit.; Leite, Rogério P. *Espaço público e política dos lugares: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo*. Campinas: tese de doutorado, IFCH-Unicamp, 2001.

superposta, caótica, multirracial, apressada, vertical. A avenida Paulista, construída como "símbolo da cidade", representa o adensamento do capital financeiro na São Paulo-cidade mundial, assim como a emergência de um moderno setor terciário que paulatinamente começa a se deslocar para a Berrini, esse sim o espaço mais propício para tal radical ressignificação dos usos do capital pós-fordista, por não guardar em sua memória o peso simbólico de ter sido o local de residência das elites paulistanas tradicionais, como foi a avenida Paulista. A Berrini é tão volátil em sua proposição urbanística quanto o que representa seu espaço para a história da cidade. Tão volátil que, como demonstra Frúgoli, começa a declinar antes mesmo do seu apogeu, com a criação do chamado "quadrante sudoeste", área próxima à Marginal Pinheiros, para onde tem se deslocado o setor terciário paulista.

O nível de carga simbólica que cada espaço condensa se traduz naturalmente no grau de atores envolvidos e na amplitude de questões que precisam ser equacionadas. Esse é o segundo grande aspecto que podemos apreender da análise de Frúgoli. Para ele, cada novo centro se reflete também no modo como se organizam suas respectivas associações, ampliando ou reduzindo o leque de atores envolvidos. Assim, teríamos um espectro de participação social diretamente proporcional às características sociais de cada centro: "enquanto a região central acumula, por conta de sua longa constituição, um conjunto mais heterogêneo de participantes [...], as outras centralidades, principalmente a mais recente, formada pela Berrini e Marginal Pinheiros, marcadas por um conjunto mais restrito de empresas [...], atuam na esfera da intervenção urbana de forma muito mais unilateral" (pp. 215-216).

O autor analisa a composição de cada uma das associações que atuam nos três *central business districts* pesquisados, buscando identificar atores, parceiros e principais interfaces com o poder público. As conclusões são reveladoras, na medida em que põem a nu as nuances das tramas urbanísticas que, a pretexto de "requalificar" espaços urbanos, concorrem para modos excludentes de higienização social. Sob esse aspecto, todas as associações incorreram, em maior ou menor grau, na mesma prática que se refere sobretudo à afirmação do poder mediante a criação de uma determinada imagem de cidade. Mesmo mantendo uma posição mais flexível

e, de certo modo, relativamente preocupada em estabelecer um diálogo com diferentes atores sociais que compõem o centro tradicional de São Paulo, a Associação Viva o Centro apoiou, conjuntamente com a Associação Paulista Viva, a chamada "Operação Dignidade", que consistiu simplesmente na expulsão dos vendedores ambulantes. Na área da Berrini e da Marginal Pinheiros a situação não foi diferente para aqueles já tão excluídos dos grandes projetos urbanísticos: foi criada a Associação de Promoção Habitacional, vinculada à gestão Paulo Maluf, com o único intuito de remover favelados em vista da valorização imobiliária da área, a partir da construção da longa avenida Águas Espraiadas. Em suma, as trajetórias que vêm deslocando e criando novas centralidades têm tido como principais atores a iniciativa privada — principalmente aquela associada ao capital financeiro — e o poder público, deixando à margem os tradicionais setores excluídos da realidade brasileira.

Por ser essa uma das assertivas concludentes do livro, talvez lhe faltem maiores considerações sobre aquelas estratégias táticas a que se referia Michel de Certeau⁷ para designar os percursos dos destituídos de poder que subvertem usos esperados e desafiam sentidos preestabelecidos. Algumas experiências recentes de intervenção urbana, como a "revitalização" do bairro do Recife Antigo, estão enfrentando a insistente permanência de "excluídos" que têm encontrado mecanismos de contra-uso dos espaços urbanos⁸. Não que o autor de *Centralidade em São Paulo* despreze a importância do papel dessas respostas vernaculares dos sem-poder, mas nas "trajetórias, conflitos e negociações" estudados por Frúgoli estão ausentes as falas daqueles que dão sentido a "determinados fundamentos que regem o ideário da cidade moderna, como o princípio constitutivo da diversidade social, que se manifesta por exemplo na ocupação das ruas, praças e demais espaços públicos das grandes metrópoles" (p. 229).

Apresentado originalmente ao Departamento de Sociologia da USP como tese de doutorado, o livro de Frúgoli tem o mérito das boas publicações acadêmicas: análise empírica densa, bem articulada e com

(7) De Certeau, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

(8) Cf. Leite, op. cit.

farta documentação. Mas ressen-te-se o livro de um aspecto igualmente comum nos trabalhos acadêmicos: é difícil localizar na análise empírica a necessária articulação com o marco teórico apresentado na excelente Introdução do livro. Como se sabe, porém, esse aspecto é ainda uma espécie de ponto nevrálgico, quase um espectro que ronda a maior parte das pesquisas nas ciências sociais. Associar no corpo do texto noções por vezes abstratas e conceitos não raramente fugidios à investigação empírica ainda parece ser um dos nossos desafios, ao lado da

produção competente e robusta de interpretações factuais. Não resta dúvida, contudo, de que em sua análise empírica Heitor Frúgoli Jr. produziu um texto de rara qualidade e acuidade, revelando sua capacidade de articular com absoluta coerência e originalidade uma massa de dados que só as obras de referência têm capacidade de apresentar.

Rogério Proença Leite é professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe e pesquisador do Cemi-Unicamp.